

COPEL INFORMAÇÕES

A GRANDE ENCHENTE



União da Vitória - parte da cidade estava af.

SANTO ANTONIO DA PLATINA

Avenida Mal. Deodoro - a igreja como destaque.

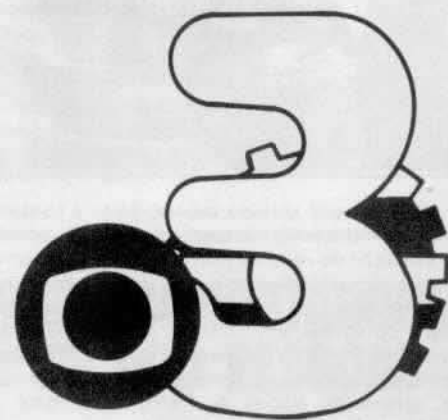


6 APOSENTADOS 5

AVOLTA DO JEEP 12

ARTISTAS 8

OLIMPIÁDA GLOBAL E NACIONAL



A Copel não vai participar, neste ano, da Olimpíada Global e Nacional do Trabalhador. A decisão foi tomada pela Diretoria da Empresa tendo em vista justificadas motivos para adotar novas medidas de redução de custos, em complementação à política geral de contenção.

As despesas, com a nossa participação nessas Olimpíadas, seriam bastante elevadas e a Empresa precisa canalizar o maior volume possível de recursos para a recuperação dos vultosos danos causados em suas instalações pelas enchentes.

Assim, é um motivo justo e louvável para abdicarmos dessas competições e permitir, também com a alocação desses recursos, que a Copel possa recuperar todas as instalações danificadas pelas cheias.

10

PRE NO INTERIOR

Ary Veloso Queiroz, Presidente da Empresa, esteve em visita na primeira quinzena de junho às Superintendências Regionais de Ponta Grossa, Maringá e Londrina, e aos respectivos Centros de Operações.

Na visita, o Presidente se fez acompanhar do Diretor de Operações, Wilson da Silva, e em cada uma das cidades aproveitou para conhecer as subestações, almoxarifados, as instalações das agências comerciais e centrais de atendimento, verificando, pessoalmente, a aceitação desta inovação pelo público consumidor, e, cumprimentar os empregados.

Em Londrina



Em Ponta Grossa

ELETRIFICAÇÃO RURAL COM CUSTOS MENORES



A Copel está abrindo debate, junto a comunidade, para discussão de custos e materiais usados na execução de redes de distribuição, notadamente aquelas para eletrificação rural. O início deu-se no dia 8 de agosto no auditório do Instituto de Engenharia do Paraná, em Curitiba, onde esteve palestrando o Diretor de Distribuição, Márcio Mesquita, acompanhando dos engenheiros Joaquim d'Almeida, gerente do Núcleo de Eletrificação Rural, e Ildefonso Campos Netto, da STD.

A palestra, intitulada "Atuação da Copel na Redução de Custos em Eletrificação Rural", comportou apresentação geral do tema, definição dos materiais e serviços, e os progressos obtidos pela Empresa na redução dos custos de implantação de redes.

Entre os pontos principais abordados, o índice de 50 por cento já obtido pela Empresa na redução dos custos de 1976 até hoje, a começar pela alteração do sistema trifásico para monofásico, que sozinha respondeu por 32 por cento na redução.

A discussão proposta pela Copel, e que iniciou com esta palestra, visa a ouvir sugestões de outros segmentos, para que a Empresa consiga baratear ainda mais esses custos sem quebra da qualidade de fornecimento, a fim de tornar ainda mais acessível o benefício da luz elétrica para os paranaenses das zonas de produção agrícola. Esses debates foram estendidos também ao interior, nas sedes de Superintendência Regional, onde também foram proferidas palestras e incentivado o diálogo acerca do assunto.

DEZ ANOS SEM PARIGOT



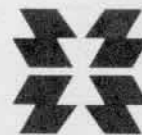
O último dia 11 de julho marcou o transcurso de dez anos de falecimento de uma das mais notáveis e expressivas figuras da vida pública paranaense: Pedro Viriato Parigot de Souza, Governador de 71 a 73, Vice-governador de março a novembro de 71, e Presidente da Copel de fevereiro de 61 a julho de 70.

Ninguém mais que Parigot de Souza soube encarnar o espírito de pioneirismo da concessionária de energia, cujo nascimento ajudou e, no período em que ocupou sua Presidência, fez crescer.

Formado em Engenharia pela UFPR no ano de 1937, Parigot foi, quem sabe, o grande responsável pela eletrificação do Paraná. Com seu espírito altamente empreendedor e sua vasta visão administrativa, Parigot, ao deixar a Presidência da Copel, legava ao Paraná — num espaço de uma década — uma Empresa que atendia a 278 localidades, com 134.475 ligações, através de 6.156 quilômetros de linhas, e numa situação financeira sólida, com um Capital Social de 500 milhões de cruzeiros.

Do nada que existia em termos de eletricidade no Paraná, 10 anos de Parigot representaram a construção e a entrada em operação das usinas Mourão I, Salto Grande do Iguaçu, Júlio de Mesquita Filho e outras unidades menores. À data de sua saída, em 1970, construía-se Capivari-Cachoeira, empreendimento que orgulha a engenharia paranaense pelo arrojo e originalidade, mais tarde batizada "Hidrelétrica Governador Parigot de Souza", numa justa homenagem.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA



COPEL

COPEL
INFORMAÇÕES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas - ARP
Editoria de Arte Rua Coronel Dulcideo, 800, 10º andar - 80000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter - CONRERP N° 342

REDE DE TERMINAIS - ANO III

Atualmente a utilização do terminal como alternativa de acesso aos recursos de informática sob a responsabilidade da SSP é uma constante na atividade diária de empregados lotados em órgãos atendidos pela REDE DE TERMINAIS.

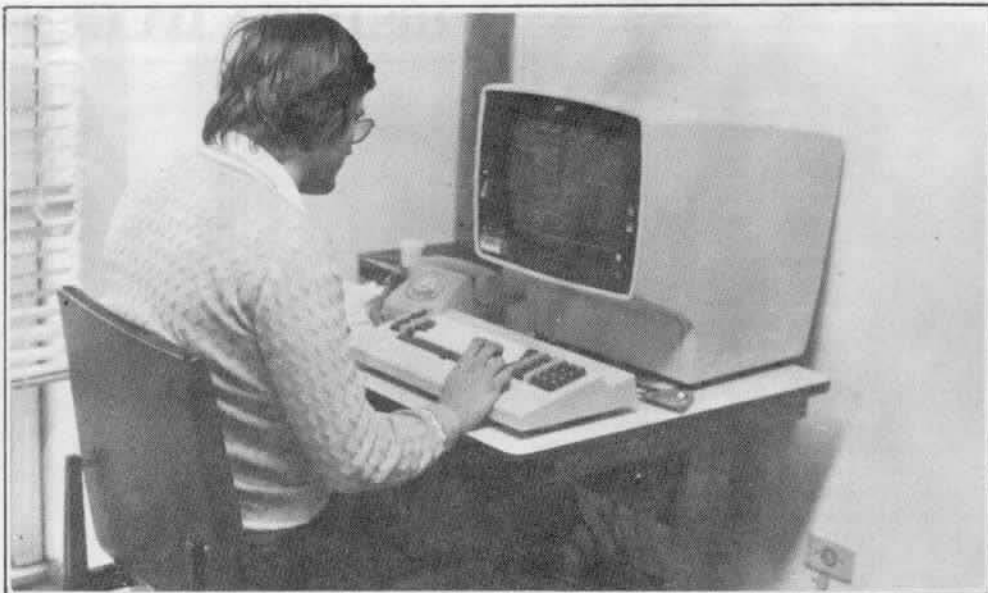
Ao se iniciar a sua implantação, no mês de março de 1980, a REDE DE TERMINAIS contava com três terminais no Ed. Sede, um centro remoto nas antigas instalações do Ed. Bagé na Rua Voluntários da Pátria e havia vinte usuários da linguagem APL. Gradativamente, foram ativados centros remotos na Padre Agostinho, Ed. Jaime Canet, Atuba, Emiliano Pernet e Barão do Rio Branco tendo-se no final daquele ano um total de dezenove terminais, atendendo às necessidades computacionais de 106 usuários de linguagem APL e de submissão remota de serviços.

Durante o ano de 1981 foram ativados os centros remotos da Pedro Ivo e São Francisco, sendo que no final do ano havia vinte e três terminais utilizados por 142 usuários.

Para atender a demanda sempre crescente por processamento mecanizado da informação foram instalados processadores centrais mais velozes e com maior capacidade de armazenamento de dados, permitindo que durante o ano de 1982 fosse duplicado o número de terminais existentes e ativados os centros remotos da Visconde de Guarapuava, Desembargador Motta, Carlos de Carvalho e CEHPAR.

No primeiro semestre deste ano foram ativados os centros remotos da Ébano Pereira, Carlos Cavalcanti e, em fase final de instalação, encontram-se os centros de 13 de Maio, Iguazu, Marechal Deodoro e LAC.

Passados três anos desde a sua implantação, a Rede de Terminais conta com 58 terminais de vídeo, atendendo às necessidades computacionais de mais de duzentos e cinquenta usuários de todas as superintendências da Sede.



Ébano Pereira



CEHPAR



Carlos Cavalcanti

NOVA DIRETORIA



Foram empossados no dia 29 de julho os novos diretores da Fundação Copel de Previdência e Assistência Social, em solenidade efetivada no auditório do edifício-sede e da qual tomaram parte Presidente e Diretores da Copel.

A nova diretoria tem, como Presidente, o companheiro Osvaldo Gaspar, como Diretor Financeiro Roberto dos Reis Guimarães e, como Diretor Administrativo, Dirceu Rodrigues de Moraes. O mandato

dos novos Diretores vai até dezembro de 1983.

Na foto, da esquerda para a direita, Estanislau Gardolinski, Dirceu Rodrigues de Moraes, Roberto dos Reis Guimarães, Osni Ristow, Osvaldo Gaspar, Ary Veloso Queiroz, Julio Garcia (Presidente do Conselho de Curadores da FC), Francisco Luiz Sibut Gomide, Márcio Paladino Mesquita, Wilson da Silva e Alcy de Castro Ricardo dos Santos.

MICROCOMPUTADORES

Se você estiver interessado na compra, permuta ou venda de microcomputador pessoal e equipamentos auxiliares, deve informar ao Copel Micro Clube que está cadastrando todos os interessados.

A informação deverá ser feita por escrito e conter as características dos equipamentos pretendidos e/ou disponíveis.

O Copel Micro Clube está instalado na sala 101 do edifício-sede.

MICROCOMPUTADORES DE USO PESSOAL

Todo aquele que deseja iniciar-se no contato com o computador de uso pessoal necessita de uma orientação melhor do que aquela que lhe é oferecida pelo manual de instrução.

Partindo deste princípio, a SUPERINTENDÊNCIA DE SISTEMAS E PROCESSAMENTO - SSP, através de seus profissionais, realizou no período de NOV/82 a JUL/83 10 (dez) cursos de Linguagem de Programação em BASIC, com a participação de 153 empregados e 92 dependentes num total de 245 pessoas.

Com isso a Empresa espera ter levado a todos os que dos cursos participaram, os esclarecimentos que se faziam necessários para um bom aproveitamento dos benefícios que os microcomputadores oferecem.

SIQUEIRA CAMPOS

A HISTÓRIA DA GENTE

O mês de setembro é motivo de festa para a turma de rede e linha de Siqueira Campos, que atinge uma marca expressiva de trabalho em equipe e de consciência profissional. Desde o dia 11 de setembro de 1976, não ocorre qualquer tipo de acidente com essa turma. E tem muitas histórias para contar sobre o trabalho que desenvolve no Norte Pioneiro. A história desses homens que trabalham sob a chuva e sol, de dia e de noite, na cidade e no campo, é a própria história da Copel.

A turma de linha tem como encarregado o Devaldis Claudino Gomes e conta com o Pedro Martins da Silva, Noel Fagundes, José Jorge de Lima, Sidney Carlos Pereira e Antonio Paulo de Aquino. A turma de rede é chefiada pelo José Costa e participam Jeso de Souza e Lourivaldo Ribeiro da Silva. Todos são ex-empregados de Chep, incorporada pela Copel em 1981.

Na opinião do Devaldis, o sucesso da equipe e a expressiva marca de sete anos sem acidentes é resultado do esforço e da própria conscientização do grupo para o aspecto segurança e produtividade, pois ela é muito mais prática que qualquer forma de pressão que venha a ser exercida sobre o grupo. "Um grupo unido e que sabe dos perigos que enfrenta no trabalho, nunca vai ser presa fácil para acidentes", acentua o Devaldis. Essa marca ganha mais significado quando se conhece a situação da ex-Chep, que não dispunha dos equipamentos completos de proteção individual e sequer de rádio para comunicação de manobras nas redes e linhas, fazendo com que situações de real perigo fossem contornadas graças à eficiência da equipe.

COBRAS À MANCHEIA

Uma história significativa aconteceu em 1977, durante a manutenção da Linha entre Itararé e Jaguariá. Era o mês de março, mês de Quaresma, no qual, segundo o Noel Fagundes, o especialista em cobra, elas ficam mais alvoroçadas. Num trecho de 8 quilômetros, enquanto faziam a roçada do mato, mataram 22 cobras – 18 cascavéis. "Teve duas que foram mortas enquanto estavam 'cruzando'", frisou o Noel. E adianta: "Tem gente que pode até duvidar. Mas que é verdade, isso é".

Um daqueles que duvidavam um pouco do perigo que a equipe enfrentava com as cobras, era o engenheiro Luiz Alberto Dias. Certa vez foi inspecionar o serviço da equipe, no horário de almoço. Coincidência ou não, na parte da manhã a turma havia matado uma cascavel de 12 guisos. Amarraram a cobra num cipó e, quando o engenheiro ia passando no clarão do mato, um dos eletricitistas deu o puxão no cipó. Luiz Alberto, vendo a cobra, ficou branco e saiu correndo... Em meio aos risos disfarçados do grupo, suspendeu o serviço de roçada, dando folga ao pessoal.



Devaldis é o 1º da direita p/esquerda, e José Costa é o segundo.

TÁ ACESA, MAS VAI ACABAR

Uma das maiores dificuldades de qualquer turma de rede e linha é atender emergências durante mau tempo e, ainda por cima, ouvir desaforos dos consumidores que estão sem energia.

Um dia, depois de um trabalho danado na linha entre Salto e Santana do Itararé, desenvolvido debaixo de chuva, Pedro Martins e Sidney pararam o carro numa praça. Foram abordados por uma nervosa senhora e saiu este diálogo.

- Olha aqui! como é que fica o negócio dessa luz?
- Ora dona, a luz tá, tá acesa!
- Tá acesa, mas vai acabar de novo meio logo, não vai?
- Tá certo, dona Maria, mas o que é que nós podemos fazer?
- Dona Maria, não! Meu nome não é Maria e você tomem cuidado, porque se a luz desligar de novo e minha indústria for prejudicada, vocês vão ver...

Descobriram, no final, que a indústria da mulher era uma pequena padaria – fabricava uns seis pães por dia, sobe-se. A preocupação dela era com um baile que começava duas horas depois...

SENTA AÍ, NEGÃO!

São do Noel outras duas histórias por lá acontecidas. Tem a vantagem de ser o especialista em cobra mas, em contrapartida, é alérgico por "mordida" de marimbondo, e tem tanto azar, que quando o enxergam, já vem de ré, com o ferrãozinho prontinho pra festa – contam os outros eletricitistas.

Uma dessas ferroadas o Noel levou quando estava estirado, descansando do almoço, numa praça em Tomazina. A picada foi nos lábios e o seu rosto inchou tanto que, ao chegar em Siqueira, cruzou com seu filho que não o reconheceu – "nossa, que homem engraçado!", teria dito. (todos garantem que é verdade).

Outro caso foi quando, altas horas da noite, a polícia rodoviária parou o caminhão da turma, para uma inspeção. Como a parada estava demorando muito, Noel – que estava na carroceria, debaixo do toldo – botou a cabeça pra fora para ver o que estava acontecendo. O guarda assustou-se ao vê-lo e, apontando o revólver, foi taxativo: "Senta aí, negão".

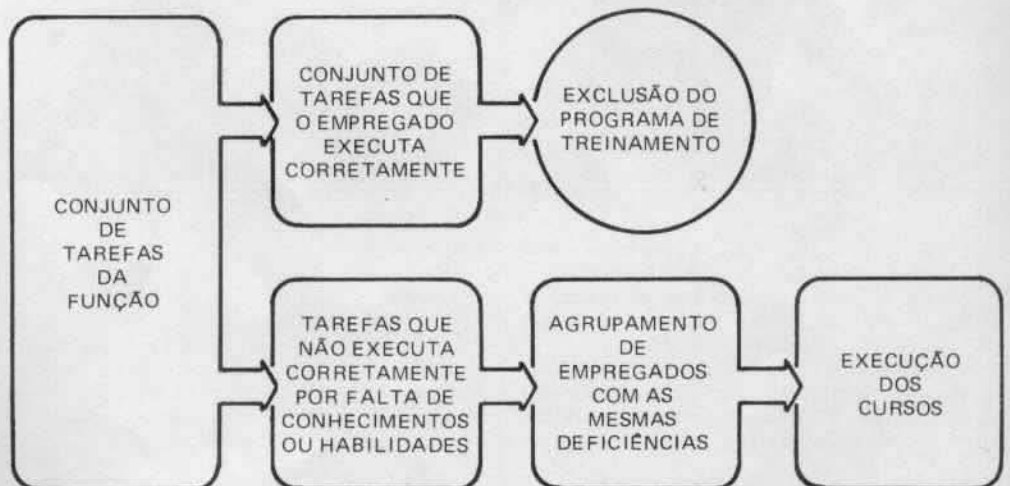
Até hoje, de vez em quando o pessoal imita o guarda só para ver a cara do Noel...

PROJETO INSTRUÇÃO POR OBJETIVO

O Departamento de Desenvolvimento de Pessoal, através de sua Divisão de Capacitação Técnica, desenvolveu e vem implantando nova metodologia de treinamento, que, em síntese, leva em conta as carências específicas de cada empregado, permitindo a formulação de cursos mais adequados em termos de conteúdo, quantidade e duração.

Basicamente, a metodologia consiste em:

- a) Obtenção do conjunto de tarefas inerentes a cada função;
- b) Identificação, no conjunto de tarefas relativas à função de cada empregado, daquelas em que o mesmo possui deficiências de conhecimentos e/ou habilidades para a sua execução;
- c) Agrupamento dos empregados deficientes nas mesmas tarefas e programação dos cursos em função de cada grupo.



NEUZAR CUMPRE ETAPA

A amizade não interesseira — no âmbito profissional e particular — é o que Neuzar Prosdócimo Rebelo sempre carregou no bojo para a sua caminhada, bem sucedida, de tantos anos de serviços, que teve uma conseqüência inevitável — a aposentadoria. Aposentou o trabalho na Empresa. Não a maneira de viver — sempre dedicada à família (dedicação que despense em dose dupla, agora).

Sempre bem disposto e atencioso, Neuzar contou — em sua casa — um pouco da sua "convalescença" copeliana e de seu trabalho nesta nova fase de sua vida.

"Chegou a hora de fazer a minha horta. Num terreno que tenho ali perto de Santa Felicidade. E olhe minhas mãos! Esses calos não têm tempo de sarar; e já vem outro, mas é um trabalho gostoso. Ainda não tive tempo de ter saudades da Copel — faz apenas um mês que a deixei. Mas de uma coisa pode estar certo: dentro de pouco tempo, vamos comer verduras de minha plantação", diz, com ares de sucesso pré-estabelecido (nesse momento, d. Ivone, com um soslaio, quase desconfirmou).

"Apenas um mês de aposentadoria não é

suficiente para avaliar o potencial que a gente tem e o que pode fazer aí pela frente. Por ora, estou na expectativa, descansando da aposentadoria. E quando a gente tem tempo para parar, para relembrar, a gente consegue, só aí, retratar o duro começo que é a vida de cada um. Eu lembro, por exemplo, que, quando casamos — aliás, quem lembra é d. Ivone — era eu quem fazia o almoço. A mulher trabalhava o dia inteiro e eu, só meio expediente. Durante dois anos comemos arroz com batata e carne, todo santo dia — sempre o mesmo cardápio".

Hoje, entretanto é bem diferente. Neuzar auxilia em todos os afazeres mas isto — retifica — "só quando não estou plantando e cuidando a minha horta".

Quanto ao futuro, não se preocupa muito. "A gente sempre trabalha para ter um futuro alvissareiro; comigo não foi diferente".

Nos primeiros dias de aposentadoria, Neuzar levantava cedo e preocupado — "mulher, agora vou ter que arrumar um emprego" — ainda não familiarizado com as novas circunstâncias da aposentadoria.

Neuzar com sua família.

UM PIONEIRO SE APOSENTA



Durante vinte e oito anos, exatamente metade de sua vida, Adir Santana dedicou-se à Copel. Seu registro, número 4, basta para dar conta de que se trata de um autêntico pioneiro dentro da Empresa.

No início, fazia de tudo: comprar café, descontar cheques, atender telefonemas, pagar contas, fazer o café, e tudo o mais que uma pequena empresa recém fundada, ocupando a princípio um conjunto de duas pequenas salas, podia exigir.

Desde o início, Adir acreditou naquela Copel que ninguém praticamente conhecia. Sua data de admissão: primeiro de julho de 1955. Exatos 247 dias desde a assinatura de Bento Munhoz da Rocha Netto no Decreto que criou a Copel.

De tudo isso, Adir Lembra com saudade, mas sem inveja. Da sólida e estável Empresa de hoje, primeira do Paraná e entre as maiores do Brasil, a Copel de 1955 tinha muito pouco, mas tinha o principal: a determinação, o destino (para quem acredita nele...) e o amor à camisa, coisa que já se demonstrava mesmo naquele tempo.

Desde o último dia 1º de julho, a vida de Adir mudou: a aposentadoria afasta-o do convívio diário com a Empresa que ele aprendeu — melhor que a imensa maioria — a amar, porque conheceu-a ainda pequena, embrionária, engatinhando. E deixa-a, satisfeito por ter cuidado da infância de uma Empresa grande, orgulho de todos os paranaenses.



RELAÇÃO DOS APOSENTADOS

Relação dos empregados aposentados nos últimos dois meses:

Neuzar Prosdócimo Rebelo, Algacyr César Fiorani, Ebrahim G. D'Oliveira, João Carlos Calvo, Luiz Ferreira Sobrinho, João Maria B. da Silva, José Skolowski, Oscar Marques Pereira, Adir Santana, Eulálio de Almeida Pinto, Acyr Alves de Aguiar, Leonel Trevisan, Euclélia K. Mendes, Elifas Levy Ribeiro, Luiz Muraska, Maria Loase, José Benedito da Cruz, Alcides Cordeiro, Theodoro S. Cichewicz, Lygia Escobar Ferraz Ferrante, Fermo Leopoldo Mangili, Arnaldo Mazza Netto, João Natividade R. da Silva, Benedito Moisés dos Santos, Ceclílio Querino dos Santos, José Domingos Coelho, Agenor Garbosa, Antônio Ferreira Maciel, Mário Cardoso Ferreira, Jaime dos Santos, Luiz Henrique Parigot Souza, José Antunes de Oliveira, Levi Nascimento Portugal, Edmundo Paulo Porzycki, Valfrido Ferreira Cardoso, Leard Lidak, Edson Serafim de Souza, João Laurindo de Souza Neto, Joaquim Galhardo da Silva, Antônio R. do Nascimento Jacy Marques Mesquita, Antônio Velho, Abrão Fuks, Pedro Macente, Ligia Maria Passos Rodrigues, Jan Trzeciak, Péricles M. Tourinho, Renato Bunese, José Kurt Kropmanns, Paulo Rocha, Sebastião de Mattos, Irene Aglair Arcello, João Guimarães Turek, Valdemiro Machado, Antônio Krzyzanowski Sobrinho, Luiz Bergonsi, Antônio Cambraia, João Pereira dos Santos, Theodoro Lopes, Aristides Truber, Aramydes Santana, Manoel A. Martins Oliveira, João B. Rodrigues Veiga, Aclélio Rocha de Camargo, Antônio Chemberk, Nerecy Ferreira, Waldemar Steiner, Lorenzo Corso, João Maria Good.



Alguns dos aposentados no último bimestre.



A subestação que atende toda a região de União da Vitória ficou parcialmente submersa:

O homem previu para si um futuro bom. Começou, então, abrindo caminhos. Ocupou mais e mais espaços, depois. Surge a cidade, a pavimentação, a indústria. O sabor de fazer mais (ver mais longe!) superou o sabor da prevenção. Aí desmatou tudo...

As matas ciliares quase não existem mais na bacia do Iguaçu — consequência dos desmedidos desmatamentos. Os resultados das chuvas tornam-se, assim, inevitáveis e catastróficos — como o foram — principalmente no mês de julho. As precipitações pluviométricas (700mm em apenas 15 dias) pintaram um quadro desolador para o Estado, para os municípios e para milhares de pessoas — foi a enchente histórica.

Rios transbordaram. Levaram casas, gente, animais, plantações. Sonho e futuro de muita gente virou pesadelo. Agora o começo. O recomeço duro para reconstruir, para lembrar, para erguer...

DESABRIGADOS

Tudo aconteceu rápido. E tudo vai demorar muito. Ainda que com o auxílio de muitos. Mesmo com a solidariedade e com a vontade de erguer a cabeça e lutar.

Muitas famílias copelianas passam por essa provação. Alguns perderam tudo. Outros, um pouco. Na região de União da Vitória, 69 famílias de empregados da Empresa foram desabrigados pela enchente. E ficaram em casa de parentes, de amigos, em abrigos coletivos e mesmo em barracões da Copel. Há os que perderam as casas. Há os que perdendo a casa, foram salvar amigos e desconhecidos. Mas ninguém deles conseguiu salvar a sua horta, o canteiro, a sombra e o lugar preferido para descansar. Nada foi poupado porque a água, inevitável, tudo levou consigo.

Havia chegado a hora da mão estendida, da corrente solidária, do desprendimento pessoal. E isto de ninguém foi negado. Do país inteiro,

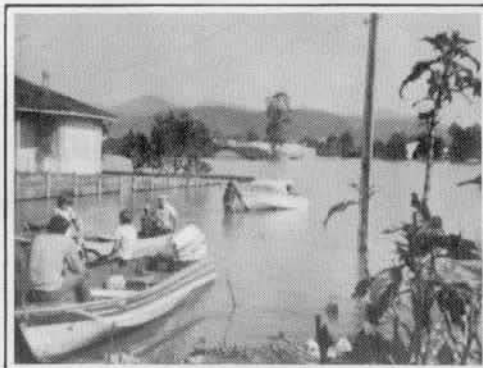
USINAS

A água voraz e irascível (?) ocupou tudo o que podia e até o que não devia. Invadiu também fazendas, destruiu pontes e foi alojar-se nas casas de máquinas das usinas de Foz do Chopim e Chopim I. Tiveram de encerrar operação. Outras

10 usinas pequenas foram parcialmente inundadas.

Nem a maior central geradora do Iguaçu foi poupada. Foz do Areia ficou ameaçada com ondas de até 4 metros de altura. Arreventou janelas e tentou entrar à força. A preocupação foi geral, só não superada pela presença de espírito e pelo rápido trabalho do pessoal da usina. Com sacos de areia conseguiram impedir um pouco da impetuosidade das águas — e “salvaram a usina”. Enquanto isso, a vazão chegava aos 10.500 metros cúbicos por segundo — a maior já vista e registrada.

Mas a usina sustentou o abastecimento elétrico, mesmo com a desativação da usina Salto Santiago. Foz do Areia foi sustentáculo para a região Sul.



As casas iam sumindo assim...

ENERGIA ELÉTRICA

As inundações provocaram, também, grande devastação em redes de distribuição de energia elétrica. Invadiram a Subestação que atende a região de União da Vitória que, mesmo parcialmente submersa, tornou-se, com esforço do pessoal, uma subestação “flutuante”, e continuava a fornecer energia. Mas isso afetou muitas localidades e muita gente.

Com a destruição da linha que energiza a cidade de Porto Vitória, aquela população permaneceu durante 20 dias sem energia. Apesar de todos os esforços da Empresa. O povo entendeu. Uma nova linha tinha de ser construída. A população, em mutirão, colaborou. Abriu picadas,

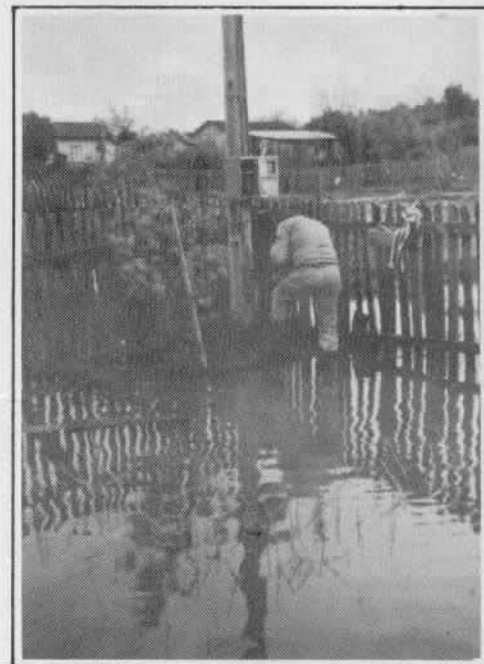
enfrentou perigos e problemas, mas auxiliou a Copel a construir a linha e abastecer a cidade. Outra prova de solidariedade.

Outras cidades ficaram temporariamente sem energia. Algumas sofreram com o esquema de racionamento que foi necessário impor. Mas tudo foi contornado da melhor maneira possível.

Prejuízos? Naqueles dias, a maior preocupação da Empresa não era calcular prejuízos. Era de calcular modos e maneiras para solucionar ou contornar problemas para restabelecer o suprimento elétrico, em muitos casos, vital.

Cabe aqui, uma vez mais, um voto de louvor aos anônimos e sempre abnegados electricistas.

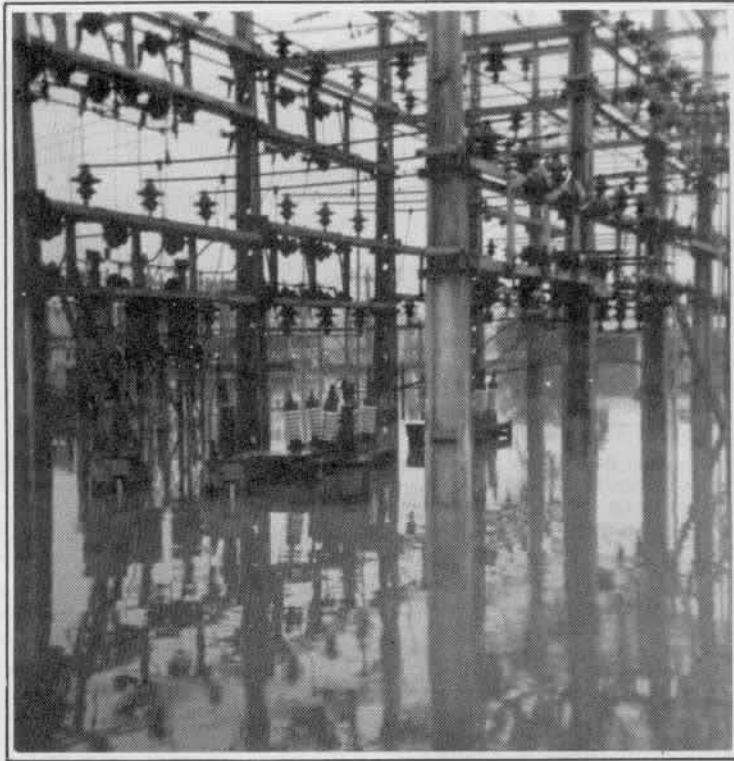
Transladar subestação, construir variante, erguer linhas muito próximas das águas do leito dos rios, foram tensão constante para solucionar perigos de tensão nas linhas e redes de distribuição.



Mas antes que a água chegue...



depois, graças ao esforço de todo o pessoal abnegado das equipes da Empresa,



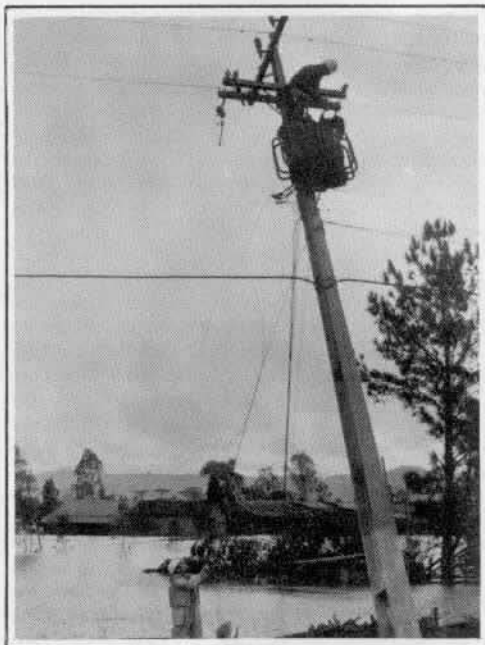
ficou "flutuante", mas não desativada.

CAMPANHAS

Uma fase delicada mas emocionante das enchentes. Campanhas para auxiliar os milhares de desabrigados. Na Empresa, todos foram mobilizados. Todos responderam. Um resultado maravilhoso. Agasalhos, comida, remédios e dinheiro foram tirados (quicá) da própria casa para poder dar um quinhão a quem mais precisava, no momento.

Dessa campanha interna, resultou o envio de 6 caminhões carregados de doações que foram encaminhadas às vítimas das cheias. Helicópteros, caminhões e barcos foram cedidos à Defesa Civil pela Empresa, numa demonstração de auxílio e solidariedade.

Para ajudar as famílias copelianas desabrigadas, foram arrecadados mais de 8 milhões e 300 mil cruzeiros com doações espontâneas de milhares de empregados. Uma prova inequívoca de família unida. Um ato de amor. Um laço de amizade. Um elo de solidariedade.



Durante todo o período das enchentes o trabalho foi intenso e muito difícil.



REUNIÃO DE ARTISTAS

Na penumbra da sala, num imenso piano de cauda negro, acordes de "Daphne et Chloé", de Ravel, ganham o éter. Ao lado, fazendo as vezes de contraponto, um cavaquinho chora composições de Waldir Azevedo. Noutro canto, num estranho cenário de arte abstrata, uma voz ensia falas de um texto teatral, enquanto que, por todos os lados, espocam luzes de "flash", cegantes. Aproveitando a claridade repentina, uma lapiseira traça rápidos riscos sobre um papel branco, na tentativa de captar o mistério acobertado em cada cena. Alheio a tudo isso, olhos olham, absortos, o vazio, debatendo-se intimamente na decisão de disso tudo extrair subsídios para uma poesia, crônica, pintura ou, quem sabe até?, uma peça de teatro.

Esta sala, onde se desenrolam e se desenvolvem tantos dotes artísticos, bem poderia ser um palco, um tablado, uma exposição, uma galeria. Mas bem poderia ser, também, uma das bem iluminadas salas do Departamento de Documentação e Métodos, da Copel.

No prédio da rua Treze de Maio reside, possivelmente, a maior concentração de artistas por metro quadrado em toda a Copel. São seis ao todo (pelos menos, que se tenha conhecimento), e todos artistas de alto quilate, premiados, festejados. Vocês não conhecê-los agora, um a um.



Ennio

Câmera na mão, luzes do "flash" espocando e cegando os demais circunstantes na sala obnubilada, à procura desesperada de uma paisagem que lhe mostre o mar, seu tema predileto: é Ennio Marques Viana Neto, atualmente na Biblioteca da 13 de Maio. Preto-e-branco ou colorida. Não importa. O que importa é o resultado final, a beleza plástica da composição.

Ennio participou num dos concursos promovidos pela Fundação Copel, obtendo menção honrosa, e apesar de ser uma atividade cara (um filme de 36 poses, com revelação e cópiagem, não fica por menos de Cr\$ 15 mil), não se abala em gastar três filmes "quando dá estalo", embora possa, também passar muito tempo sem fotografar.

Ennio começou há mais ou menos cinco anos, e para inveja de muitos fotógrafos profissionais, é dono de uma câmera Nikon FIII, uma das mais completas e melhores câmeras reflex de todo o mundo: "Mas não gosto muito de usá-la; comprei-a há uns três anos e está ainda praticamente nova. É muito cheia de detalhes, filigranas..."

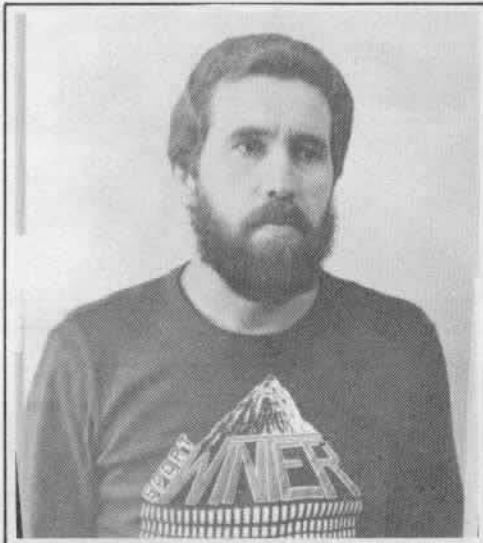


Larissa

O imenso piano de cauda que exala Ravel responde, submisso, aos magistras comandos de Larissa Marie Boruchenko, exímia e consagrada pianista, e atenta e dedicada bibliotecária do Laboratório Central - LAC. Ucrainiana de nascimento, brasileira por escolha própria, Larissa - no mundo da música - é dona de pesada e respeitável bagagem que inclui, entre outros, estágios em conservatórios da Europa e Estados Unidos.

Professora, também, na Escola de Belas Artes em Curitiba, cedo descobriu a magia de um teclado, e mais tarde, depois de muito estudo, descobriu também o que é a emoção da comunicação através da música: "Olha, tem vezes em que a gente toca, toca durante duas horas, e não consegue perceber resultado algum no atingimento do público; a platéia aplaude, mas fica a impressão de o fazerem mais por dever de ofício, por estarem pessoas, ali, com a finalidade de apenas ouvir e, no final, bater palmas. O resultado é um imenso vazio. Mas também tem vezes, e são essas o que realmente importa, que se cria tal empatia entre executante e platéia que todas as emoções da música emanadas do piano surtem efeito quase que imediato na assistência: a cada acorde, cada compasso, pode-se sentir o retorno, uma pulsação diferente no ambiente".

Prêmios, viagens, apresentações, tudo isso já virou rotina na vida da pianista Larissa, que realiza uma média de 15 a 20 concertos mensais, nas mais diferentes cidades do Centro-Sul brasileiro. Igualmente dedicada à profissão que abraçou, a Biblioteconomia, Larissa venera - com autêntico amor de mãe - o principal fruto de seu trabalho à frente da biblioteca do LAC, onde está desde que veio para a Copel há quase dois anos: o "thesaurus" de eletrotécnica e eletrônica, uma das mais completas obras de normalização e organização bibliotecária dentro do sistema elétrico brasileiro.



Edmundo

O fagueiro e alegre cavaquinho está em boas e ágeis mãos: Edmundo Hess, apredador do choro brasileiro e de sambas, "principalmente aqueles mais cadenciados, mais trabalhados, que revelam mais a alma e o estado de espírito de quem o compôs". Mas Edmundo não se limita, simplesmente, a executar emoções alheias: ele próprio tem as suas, e bissexatamente as transforma em música. E numa dessas tentativas, acabou premiado: em parceria com outro artista do DPDM, Emanuel Padilha, venceu o 1º Festival de MPB promovido pela Fundação Copel ano passado, no Teatro do Sesi. O samba "Que é que há, Brasil?" venceu suas dezesseis concorrentes, e deu a Edmundo - na sua

única experiência de compor e submeter seu trabalho a uma crítica - um primeiro, e até agora solitário, troféu no campo da música.

Aos 10 anos de idade, ganhou de presente seu primeiro instrumento: um cavaquinho. Observando outros tocarem, absorvendo conhecimentos, Edmundo rapidamente assenhoreou-se do pequenino pinho, não tardando em iniciar, depois, experiências com um instrumento um pouco maior. Hoje, cavaquinho e violão concorrem, lado a lado, na vida de Edmundo, que até poderia pensar em profissionalizar-se na música e dedicar-se com muito mais tempo aos seus instrumentos: "Infelizmente, isso não é possível, já que viver de música, ou de arte, não é para quem quer, mas sim apenas para uns poucos eleitos que têm a imensa sorte de cair em boas graças de alguma gravadora e contar com um efetivo esquema de divulgação. Aqui no Paraná, ninguém deu essa sorte e aí temos, aos montes, pessoas de notável capacidade e imenso potencial de criação que tiveram uma possível carreira abortada em razão do rígido padrão de mercado".

Conformado, Edmundo abraça seu cavaquinho nos finais de semana, reúne-se com os amigos que com ele formam o conjunto "Batuque é Samba", e vai por aí tocando sem compromissos, a não ser com a sua própria vontade de desabafar, alegrar, viver.



Aníbal

O cenário de arte abstrata está ocupado; no centro do palco, uma torrente de frases à primeira vista desconexas (para os incautos) jorra do ator Aníbal Ramos Marques Filho, que também é diretor teatral, fotógrafo e, duas vezes por ano, poeta.

Mentor e uma das pedras angulares do grupo de vanguarda "Teatro Inquisição", Aníbal define seu interesse pela arte de forma bastante sucinta: a arte pela arte. Artista de múltiplas facetas, Aníbal divide-se basicamente entre o teatro e a fotografia: "Ambas concorrem em igualdade de condições; nunca deixei de fazer teatro por causa da fotografia, nem deixei de fotografar por causa do teatro. Ao contrário: uso de teatrológia para fotografar, e uso também a fotografia no teatro; em nossa última peça, "Tô de Cara, Coração" encenada no Guairinha em junho deste ano, havia fotos tiradas por mim compoendo o cenário. Em poucas palavras, defino-me um 'Teatrógrafo'; nem mais um, nem mais o outro".

Fotografando exclusivamente em preto-e-branco, Aníbal não quer negar, sob pena de falsidade, sua condição de urbanóide nascido e vivido em centro urbano: seu tema predileto é o cotidiano da grande cidade, mostrando através de uma ótica bastante particular, o que é óbvio visto de um ângulo que comumente não se percebe. Aníbal iniciou-se na arte fotográfica em 76, e dedica-se tanto a isso, que recusa chamar de "hobby", que ele próprio revela, amplia e copia suas fotos: possui um laboratório em casa. Este seu empenho já lhe valeu premiações no MASP, em São Paulo, e na Funarte, salões altamente concorridos.

O teatro veio antes: em 73, Aníbal já viajava pelo interior do Estado com sua "troupe", sempre encenando peças de vanguarda. Preocupação em levar mensagem ao público? "Nada disso; um

texto de vanguarda deve obrigatoriamente prescindir de uma interpretação didática, pois ou se representa ou se ensina; quem entendeu, entendeu; quem não entendeu, é porque satisfêz-se apenas com o visual, o espetáculo plástico”.

O Aníbal poeta, este se esconde; ou melhor, não se expõe. Poemas, as faz, mas não mostra; são para consumo próprio. Muito embora premiado no Concurso Literário de 81, com a série “Paisagens Submarinhas”: “Era pelo simples prazer de vê-las publicadas”.



Padilha

O dono dos olhos que, absortos, olham o vazio, pertencem a um polivalente das artes, um “faz tudo” do ofício: Emanuel Mascarenhas Padilha, um misto de escritor (peças de teatro, letras de música, crônicas e ensaios) e pintor (nesse ramo, já “apostado”), mas acima de tudo, um poeta.

Prêmios, Padilha os tem em bom número: um primeiro prêmio num dos concursos literários da Fundação, diversos prêmios Incentivo nos salões de artes e, também, um Prêmio Aquisição em 1981, e o 1º lugar no Festival de MPB realizado ano passado, criando a letra para “Que é que há, Brasil?”, em parceria com Edmundo Hess.

Sempre procurando explorar, como tema em suas obras, aspectos e problemas do cotidiano, principalmente aqueles que carregam rótulo de “existenciais”, Padilha, ao contrário de tratar com pessimismo temas tão amargos como os problemas de todos nós, procura trazer como mensagem aspectos positivos; propor soluções. A poesia, neste caso, é simplesmente uma extensão do hábito de escrever. E escrever bem, para Padilha deixou de ser segredo há anos.

O namoro com sua esposa, por exemplo, começou com bilhetinhos, trocados durante uma quermesse na qual se conheceram. Nos tempos de escola, sempre houve-se bem nas aulas de Português e Redação, passando por aquela fase que a maioria dos bons alunos nessa matéria passa: redigir o jornalzinho do colégio.

Uma peça de teatro, a única até o momento e que recebeu premiação no Concurso Literário de 1981 na categoria Geral, acumulando os três prêmios, foi concebida durante temporadas de férias na praia: Padilha trocou a lassidão, o ócio de levantar tarde e à noite jogar baralho até altas horas, por um regime de auto-disciplina na qual incluiu, para preenchimento das “horas mortas”, o desenvolvimento de uma obra que lhe valeu os elogios do ator Paulo Goulart.

Pintor durante quatro anos, Padilha “encostou os pincéis”, não sem antes vencer o Prêmio Aquisição de 1981. Sua técnica: “Eu misturava tintas, massa plástica de automóvel, tudo o que pudesse servir de material, e presto! Lá estava uma inigualável obra prima”.



Adalzita

Quem empunha a lapiseira com extrema destreza captando na atmosfera da sala em penumbra todo o mistério que olhos ímpios não conseguem deprender, é uma moça de longos cabelos, já premiada em diversos salões de arte da Fundação Copel, inclusive o Prêmio Aquisição, obtido em 1979.

Adalzita Terezinha Pankiewicz, desenhista e pintora (aquela mais, esta menos), é autodidata e, como todos nós, desenha desde criança. São que, ao contrário da maioria, procurou desenvolver “essa atividade instintiva”, atingindo um grau de perfeição bastante apurado.

Seu alvo preferido são os retratos, mais especificamente os olhos, que em seus desenhos ou quadros quase sempre aparecem em tonalidade azul: Adalzita tem olhos castanhos, e não tem a menor veleidade de tê-los azuis; nos seus desenhos eles são azuis apenas em virtude da composição cromática. Ela usa apenas o preto, azul e branco em suas obras.

Desenhar, para Adalzita, é exercitar cotidianamente sua melhor forma de expressão: não é loquaz, abomina a redação e, numa obra sua, lá está tudo o que as palavras ou letras são incapazes de exprimir. Além de, praticamente, se expor por inteira em suas obras, Adalzita levou muito em conta, nos retratos, a “aura de mistério” que envolve cada pessoa, e procura transpô-la segundo a sua ótica, numa folha de papel.

Viver de arte? Muito difícilmente: “Como idealismo, é muito bonito tentar viver de arte; na prática, é preciso aguardar o ‘pulo do gato’, a oportunidade imperdível: é impraticável, isto sim, abandonar uma vida estabilizada em nome de uma arte que pode, ou não, sequer garantir a própria sobrevivência”. Adalzita está há 8 anos na Copel.

Planos, Adalzita tem. Trabalha atualmente em mais um retrato (na sua carreira, já elaborou uns 30), e aos poucos vai experimentando novos materiais: nanquim, crayon, colagens, aos poucos tudo vai sendo usado. Tudo, enquanto aguarda o “pulo do gato”.

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

Eis algumas das publicações recentemente adquiridas pela DVBI:

ADMINISTRAÇÃO

- ALEXANDER HAMILTON INSTITUTE. Como formular um programa de descrição de cargos. c1981. 104 p.
- CHIAVENATO, I. Administração de empresas: uma abordagem contingencial. 1982. 606 p.
- HED. S.R. Manual de planificación y control de proyectos. c1981. 1 pasta.
- PEDROSO, E.T. Elaboração, análise e racionalização de formulários. 1983. 111 p.
- SERRA, F. Jogos e simulações para treinamento e seleção na empresa moderna. 1979. 87 p.

ELETRÔNICA – TELECOMUNICAÇÕES

- IEEE COMPUTER SOCIETY INTERNATIONAL CONFERENCE, 24., SAN FRANCISCO, 1982. High technology in the information industry. 1982. 418 p.
- McGREIVY, D.J. VLSI technology through the 80s and beyond. c1982. 343 p.

ENERGIA

- COPEL. Carvão mineral: apreciação estratégica sobre as possibilidades técnico-econômicas para sua utilização no mercado paranaense. 1982. 1 v.

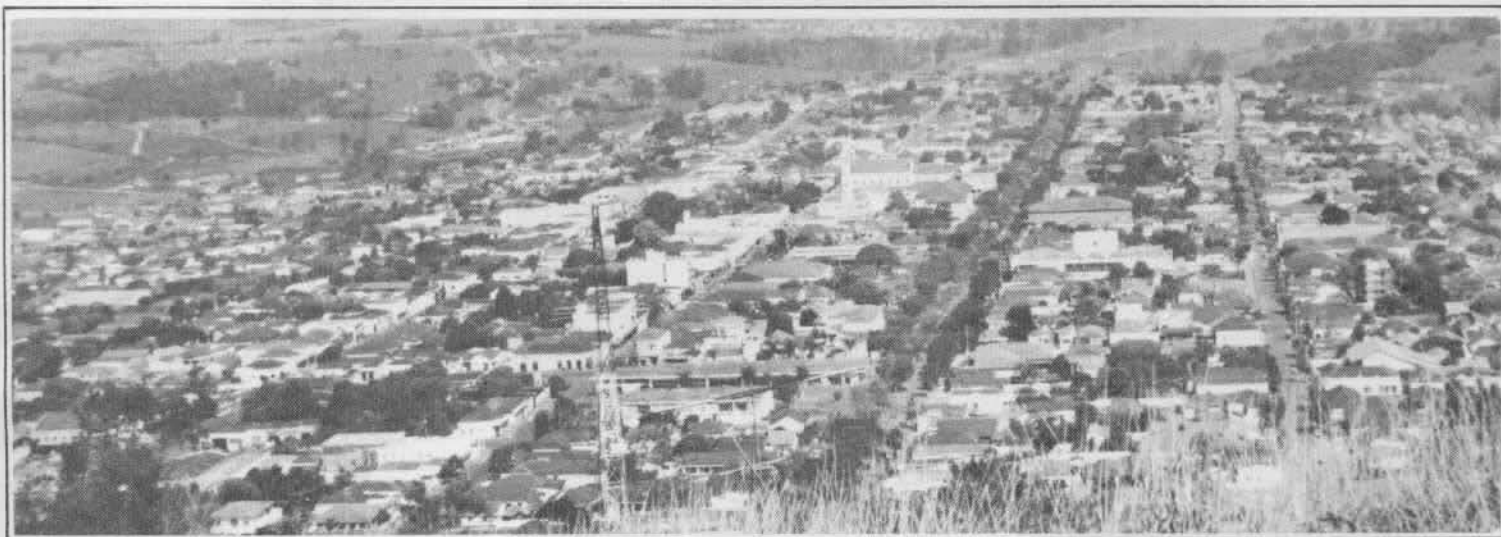
ENERGIA ELÉTRICA

- ELETOBRÁS. Diretrizes básicas para projeto de subestações de tipo convencional aberto. 1982. 2 v.
- ALLEN, B.E. Tutorial microcomputer system software and languages. 1980. 231 p.
- COMPUCENTER. IBM acelerando o desenvolvimento de aplicações. s.d. 161 p.
- COMPUCENTER. IBM escolha e utilização de armazenamento secundário. s.d. 169 p.
- FREEMAN, H. Tutorial microcomputer networks. c1981. 268 p.
- LIEBOWITZ, B.H. Tutorial distributed processing. c1981. 640 p.
- THURBER, K.J. Tutorial computer system requirements. 1980. 356 p.
- THURBER, K.J. Tutorial office automation systems. c1980. 201 p.

Muita gente atendeu o pedido feito através deste jornal e mandou livros para a biblioteca de Segredo. Este é o resultado parcial. Mais de 1.100 livros que poderão ser, sem dúvida, muito úteis para os alunos daquela escola.



SANTO ANTONIO DA PLATINA A JOIA DO NORTE PIONEIRO



Vista parcial da cidade.

A região do Norte Pioneiro do Paraná, colonizada no final do século passado por mineiros e paulistas, reserva boas surpresas para os que a visitam. No decorrer dos anos, uma cidade vem-se firmando como centro político da região: Santo Antônio da Platina, "Cidade Jóia do Norte Pioneiro".

O primeiro núcleo de moradores foi formado por mineiros oriundos da região da Alta Sorocabana, em 1890, que se estabeleceram na região dedicando-se à criação de suínos e à agricultura. Pouco depois, tiveram que mudar o povoado devido aos constantes ataques dos índios guaranis e caingangues, que não aceitavam a presença de brancos próximos às suas aldeias. Mudaram para onde está a atual área do município, entre os morros e os rios, garantindo a maior proteção contra os ataques dos índios.

Por volta de 1901, surgiu o distrito de Santo Antônio da Platina, pertencente ao município de Jacarezinho, do qual só seria desmembrado em 1914. A data de fundação do município ficou sendo 20 de agosto de 1914, sendo seu primeiro prefeito o coronel Evergisto Alves Capucho. Um dado curioso é a razão do nome da cidade: os seus fundadores acreditavam que naquela região existiam grandes quantidades do minério "platina", razão pela qual resolveram unir o nome de seu santo protetor, Santo Antônio de Pádua, ao nome do minério, surgindo daí o nome Santo Antônio da Platina.

Em 1947, Santo Antônio da Platina perdeu boa parte de seu território quando três de seus distritos foram elevados a categoria de município: Ribeirão do Pinhal, Abatiã e Jundiá do Sul. Hoje, o município tem ainda os distritos de Platina, Monte Real e Conselheiro Zacarias, e sua economia é ainda calcada na agricultura, com predominância de café, milho e cana, e cedendo espaços para a pecuária. Aos 69 anos que completa ainda este mês, Santo Antônio da Platina tem uma população de 40 mil habitantes, que já foi maior e diminuiu nos últimos anos pelo êxodo rural, provocado pela mecanização da lavoura.

PREFEITO MAIS JOVEM

Santo Antônio da Platina tem hoje o prefeito mais jovem do Paraná e o segundo mais jovem do Brasil. José Afonso Júnior, 24 anos, solteiro, galgou o posto nas últimas eleições, sem ter exercido qualquer atividade política anterior. Apenas havia sido presidente de uma cooperativa de habitação e partiu direto para as urnas. Um fato interessante é que dos 40 mil habitantes de Santo Antônio da Platina, 17 mil são eleitores, tendo portanto um dos mais altos índices junto ao TRE.

Outro fato histórico é que a seita

"Congregação Cristã do Brasil" foi fundada naquela cidade, em 1910, pelos pioneiros Louis Francescon e Laudelino Mascaro, que posteriormente a espalharam pelo Brasil e pelo mundo. Hoje, por ser a Igreja-Mãe da seita localizada naquela cidade, grande número de visitantes e fiéis para lá se desloca todos os anos, sendo portanto um ponto turístico do município.

Outra fonte de turismo é a EFAPI — Exposição Feira Agropecuária e Industrial do Norte Pioneiro, mostrando a produção das suas 2.026 propriedades agrícolas e a potencialidade dos municípios vizinhos. Em termos de comunicação, a cidade é servida pela rádio Difusora Platinense, operando em AM e FM, pelo jornal Tribuna Platinense, e recebe sinais de quatro emissoras de televisão.

ENERGIA ELÉTRICA DA CHEP PARA A COPEL

Até 1981, Santo Antônio da Platina era servida em energia elétrica pela CHEP, Companhia Hidrelétrica Paranapanema, incorporada pela Copel naquele ano, após um movimento organizado pelos moradores da própria região. Os moradores, que amargavam desligamentos de até dois dias inteiros de duração, viram surgir com a Copel as novas Linhas de Transmissão, uma nova Subestação e várias reformas na área urbana, além de um moderno sistema de atendimento ao público, com a Agência lá instalada.

O gerente da Agência, Isaltino Nascimento, há 11 anos na Copel e oriundo da Agência de Paranavaí, se diz satisfeito com o crescimento no número de ligações novas, graças ao esforço da equipe que tem sob sua responsabilidade. Quando lá chegou, a região da Agência tinha 7.444 consumidores, e em 18 meses de intenso trabalho, Isaltino e equipe conseguiram 3.156 novas ligações. Atualmente, a Agência de Santo Antônio da Platina atende a 11 localidades, sendo 6 municípios. Assim, ele se sente satisfeito pelas manifestações de agrado da comunidade, transmitidas inclusive por ofícios da Câmara de Vereadores, que atestam a melhora significativa no setor elétrico da região, após a chegada da Copel.

DOS PROTESTOS AOS FOGUETES

Por ser ainda nova a presença da Copel na região, os fatos pitorescos ficam por conta dos antigos funcionários da CHEP, hoje na Copel, que como Aroldo Mariano da Silva, atendente da Agência, presenciaram, envolvendo funcionários da época.

Um dos fatos ocorreu com o Gerente da CHEP que ficou alguns anos naquela cidade, e que era considerado um déspota pelos funcionários da Agência, e também por alguns consumidores. Como a coisa chegou a uma situação insustentável, a classe política acabou pedindo a transferência do gerente, o que foi feito pela CHEP. No dia da mudança, como a casa do Gerente ficava anexa ao prédio da Agência, alguns consumidores e os funcionários reuniram-se para assistir à partida. Quando o motorista acelerou o caminhão para dar início à viagem, um dos funcionários contrários ao gerente já havia reservado uma caixa de rojões, transformando a partida numa grande festa. Um outro mais radical, havia comprado duas caixas de rojões, que começou a soltar acompanhando o caminhão até a saída da cidade, e só parou quando o veículo desapareceu nas curvas da estrada. A cidade toda soube do episódio, que ficará marcado nos anais de fatos pitorescos daquela região.

Mas outro fato mais engraçado foi quando um ex-funcionário, nervoso, descobriu algumas coisas que vinham ocorrendo na cidade, e decidiu fazer um protesto inusitado. Ele, Celso Izaias, andava chateado porque o bar que frequentava estava virando ponto de encontro, segundo ele, de "maconheiros". Conversou com as autoridades da cidade mas não conseguiu muito sucesso. A bagunça continuava. Um dia, chegou de frente a agência do Banco do Brasil, próximo ao bar, e subiu num poste que comportava alta tensão. Passou com todo o cuidado por entre os cabos e deitou-se sobre a cruzeta dupla, reunindo em volta uma grande multidão, à qual explicou que estava fazendo um protesto. Ninguém sabe como ele conseguiu chegar até o topo do poste com a rede ligada, mas o fato é que lá permaneceu dando espetáculo, da meia-noite até duas da manhã. Nesse horário, foi necessário desligar toda a cidade, que era alimentada por aquela linha, para que um outro eletricitista subisse e o retirasse. Que levou bronca, levou, mas deixou registrada uma esquisita forma de protesto.

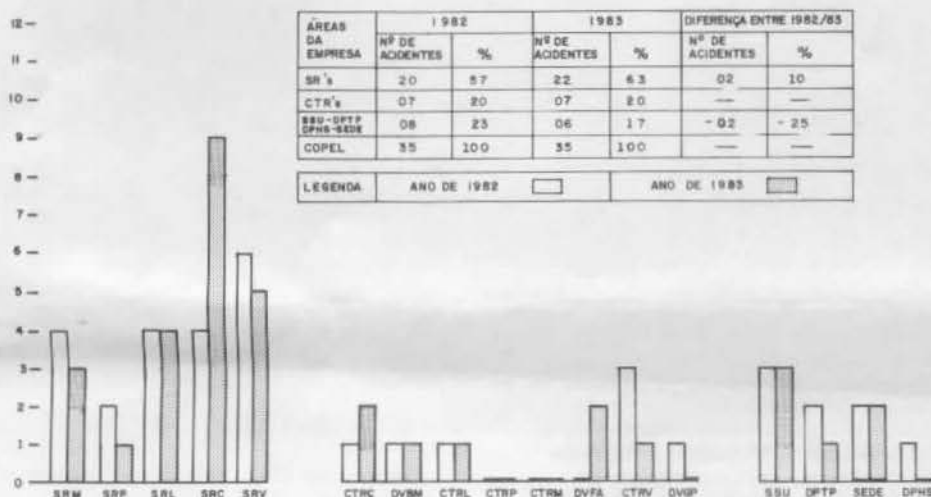


A agência e os empregados. Isaltino é o 4º da esquerda para a direita.

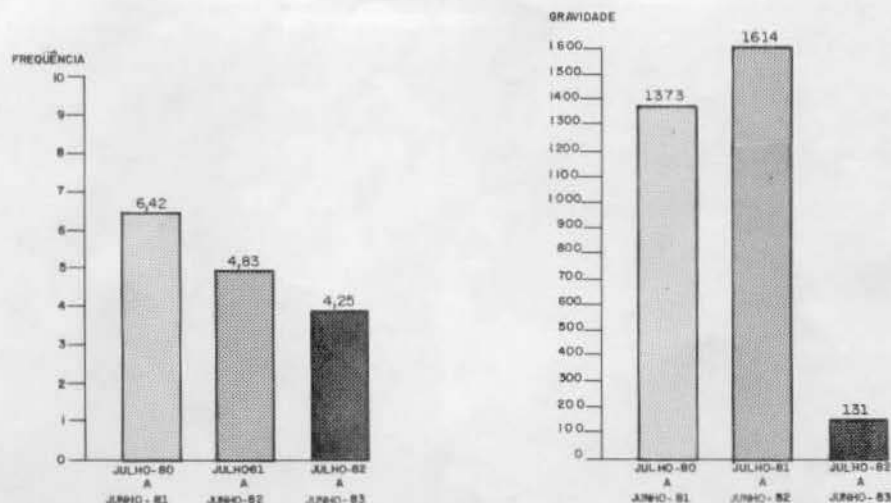
VOCÊ E A SEGURANÇA



DEMONSTRATIVO DO NÚMERO DE ACIDENTES DO TRABALHO - Jan. a Jun. - 1982/83



TAXA DE FREQUÊNCIA E GRAVIDADE ACUMULADA
ÚLTIMOS 12 MESES - PERÍODOS DE JUL. A JUN. DE 1980 a 1983



ÍNDICE ZERO DE ACIDENTES

"Atenção, atenção, equipes que estão na escuta! A atenção dividida cria problemas em dobro!"

Mensagens como esta são ouvidas, diariamente, pelas equipes de trabalho da Copel, em Cascavel, via rádio VHF, como um sistemático lembrete de que, da própria atenção à segurança no trabalho, depende a vida de cada um.

Em horários pré-estabelecidos, as mensagens são substituídas a cada dia, renovando sempre o espírito de prevenção de acidentes.

Com esta e outras medidas, a CTRV vem obtendo resultados bastante compensadores na área.

Eis algumas das mensagens veiculadas:

- Em 83, segurança outra vez;
- Tempos felizes, são tempos que vivemos com segurança;
- Antes de executar qualquer tarefa, pense! "Alguém me espera";
- A atenção dividida cria problemas em dobro;
- O maior fruto do trabalho nem sempre é o salário, mas seu retorno ao lar;
- Equipamento elétrico defeituoso, caminho curto para a eternidade;
- O trabalho é importante, mas a vida, mais ainda;
- Segurança não é um meio de vida, é uma vida que está no meio;
- A proteção de uma vida, é a segurança vivida;
- Que cada risco de acidente seja um motivo a mais para aplicarmos segurança;
- A segurança é um fator de produtividade no trabalho;
- Manter as normas de segurança não é uma obrigação, é dever de cada um;
- Todo dia é dia de praticar segurança, inclusive hoje;
- O relacionamento pessoal de uma equipe é um ponto forte de segurança;
- Na vida, Deus; no lar, o amor; no trabalho, Deus, amor e a segurança;
- É um sonho evitar acidentes sem respeitar as normas de segurança;
- Amar a vida é sempre estar seguro com a segurança da vida;
- Antes que o acidente aconteça, corte-o pela raiz;
- Não esqueça: trabalhe com segurança;
- O conjunto de aterramento pode salvar vidas;
- Antes de por a mão, teste com o detector de alta tensão;
- O sol nasce para todos. A segurança também;
- A conscientização de cada um é a segurança de todos nós;
- Quem ama a vida não pratica ato inseguro;
- Use sempre o seu equipamento de proteção individual;
- Seja seu próprio supervisor de segurança;
- A eletricidade aparenta ser mansa; mantenha distância;
- O trabalho sem união é segurança em vão;
- A segurança por todos, todos pela segurança;
- Cada acidente evitado significa uma vida amparada;
- Uma sinalização correta salva vidas.

O JEEP QUE LAVOU MINH'ALMA

Estamos em 1966. "Gouvêa vende um Jeep da Copel para comprar carro próprio".

Esta história, verificada em todos os seus aspectos, passa-se em dois cenários distintos, embora componham fatores determinantes para nossos personagens. De um lado, o engenheiro Carlos Eduardo Gouvêa da Costa, chefe do Sistema de Pato Branco. De outro, o encarregado da Usina de Chopim I, Rui Schamberg e o sub-encarregado Rosalvo José Borges.

Bela tarde de domingo ensolarado. Em Pato Branco, Gouvêa vendo um jogo de futebol no estádio da cidade. Na usina, os dois operadores lavando um Jeep 4 portas (esse Jeep passava os finais de semana na usina para atender alguma emergência ou serviço. Os zelosos operadores aproveitavam sua estada ali para dar uma lavada geral).

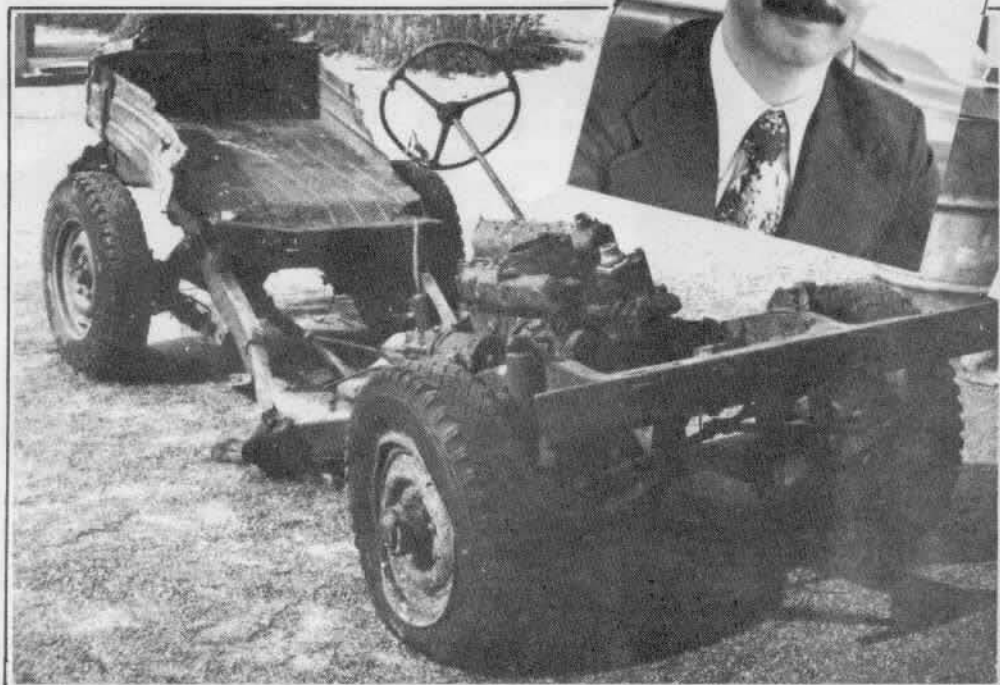
Deviam ser 13 horas quando Rui e Rosalvo resolveram limpar o "Bernardão" (o Jipão). Prepararam uma rampa bem perto da água, num lugar inclinado para facilitar a lavagem. Muito trabalho e missão cumprida. Quando o Rui foi tirar o veículo, não conseguia. Ou as lonas molhadas, ou as pranchas escorregadias, e os pneus caíram das tábuas. Rui desceu para observar a situação, embora deixasse o motor funcionando. Aí o carro resolveu andar rumo ao rio e foi indo... indo... para entrar uns quinze metros abaixo do canal de fuga. Rui tentou entrar no carro para freá-lo, mas nada... e caiu fora. Rosalvo quis, então, de todas as maneiras segurar o Jeep que, lentamente, ia. Agarrou-se ao carro e foi indo, junto. Quando viu-se com água até o pescoço, escapuliu nadando (ele foi pescador no litoral paranaense). Um outro operador, o Armando, conta que viu o Jeep afundando. Depois voltou à tona e afundou totalmente.

O desespero era muito grande. Foi necessário segurar à força o Rosalvo, tamanho era o nervosismo naquela hora.

CAIU NO RIO

Em Pato Branco o jogo transcorria normal. O Gouvêa, um espectador tranquilo. Lá pelas tantas chega o Rosalvo (conseguiu uma carona até lá, uns 30 quilômetros). Descobriu o Gouvêa no meio da torcida e foi dizendo: "o Jepp 'caiu no rio'". E nada mais. O engenheiro mandou-se para a Usina para inteirar-se do acontecido. No dia seguinte chegavam elementos da Polícia Militar do Batalhão de Pato Branco (cujo comandante presenciou o voo do Jeep, pois encontrava-se na Usina, com a família, apreciando aquelas belezas de saltos e pescando), para iniciar as buscas.

Enquanto os policiais não chegavam, o Gouvêa e os operadores lançaram ganchos para tentar fisgar o Jeep. Tudo em vão. "Tirava-se um pouco da tinta com o gancho e nada mais", comentou o engenheiro, e isso não iria provar que o Jeep estivesse ali dentro. A polícia entrou em ação. Nada. A Copel requisitou homens-rã, junto ao Corpo de Bombeiros de Curitiba, para mergulhos e localização do veículo. Muitos dias passaram-se. Nada. Os bombeiros aproveitaram mais alguns dias para descansar e pescar. A missão fora infrutífera. O lugar é profundo e perigoso. As buscas foram abandonadas.



O JEEP FOI VENDIDO, NÃO CAIU NO RIO

Quase trinta dias de buscas e nada do Jeep aparecer. Nem sinal dele. A história parecia mal contada. Há dente de coelho. Comentava-se a céu aberto que o Jeep fora vendido ao Paraguai pelo próprio chefe do Sistema de Pato Branco, o Gouvêa. A diretoria da Empresa movimentou-se. Mandou que fosse feita uma sindicância para esclarecer os fatos. Nesse interim, veio a prova. Carlos Eduardo Gouvêa da Costa andando pela cidade com um fuque novinho em folha. Era a prova de que ele havia vendido o Jeep no Paraguai, simulando que tivesse caído naquele lugar inacessível do rio, e comprado aquele lindo carro para si, com o dinheiro do negócio.

Indicado pela Diretoria para proceder a sindicância, Dequech dirigiu-se a Pato Branco. Foi direto ao quartel. O comandante era seu amigo de longo tempo. Confabulando sobre sua chegada à Cidade, Dequech confidenciou que viera fazer uma sindicância sobre o desaparecimento de um carro da Copel. E o comandante riu, perguntando se não era aquele que sumiu na água da usina. Estupefato, Dequech indagou se sabia a respeito - "claro, pois eu estava lá, naquele dia", respondeu. A sindicância parecia interrompida.

(Apenas um mês após o desaparecimento do

Jeep, o Gouvêa fora sorteado pelo consórcio Volkswagen, do qual participava há algum tempo).

Nem isso era prova suficiente para esclarecer que não vendera o Bernardão ao Paraguai para benefício próprio. E continuava suando frio. O mistério continuava. "Só sei que em janeiro do ano seguinte fui transferido para Curitiba, onde me deram um trabalho danado para fazer", comenta o Gouvêa, ratificando que isso não se deveu ao desaparecimento do Jeep.

DE ALMA LAVADA, ENFIM

Estamos em 1983. Em janeiro. Continua aquele mal estar com referência ao mistério. Embora algumas provas tenham aparecido no decorrer de todos esses anos - borrachas vedadoras, pedaços de carroceria - eram provas, mas não comprovavam. No ano passado chegaram a mandar de presente pro Gouvêa a grade do Jeep (ou de um Jeep) fazendo alusão ao Bernardão.

Em 19 de maio último aconteceu a maior enchente da história da usina. Muita água que mexeu com o que estava quase esquecido. Quando as águas baixaram apareceu, numa ilha que só é visível quando a vazão do rio é normal, a prova definitiva de que o Jeep realmente havia caído no rio nos idos 1966. Apareceu com todos os pneus calibrados, perfeitos.

"A JUSTIÇA TARDA, MAS NÃO FALHA" e lavou a alma do Gouvêa, enfim!



Armando, atual encarregado, não dispensou uma pose.